

PLÍNIO, o Velho, 23?-79

Traducion de los libros de Caio Plinio Segundo de la historia natural de los animales : primera parte / hecha por el licenciado Geronimo de Huerta ... y anotada por el mesmo con anotaciones curiosas - En Madrid : por Luis Sanchez, 1599. - [4], 314, [6] f. ; 4º (20 cm). - Ded.: «Dirigida al rey Don Felipe III ...». - Erros de foliação entre as f. 61 e 66 que, tendo em atenção os reclamos, não afectam o texto. - Ass.: []//4, A-Z//4, Aa-Zz//4, Aaa-Zzz//4, Aaaa-líiii//4, A//4, []//2. - Enc. moderna revestida a papel marmoreado com lombada e cantos em pele, PTULFL: RES 7. - Pert.: «Joze Fer[a] da Cunha», PTULFL: RES 7. - F. restauradas, incluindo a f. de rosto, PTULFL: RES 7. - CCPBE. - Obra digitalizada a partir do original



Plínio, o Velho, escritor romano do séc. I, dedicou grande parte da sua vida à descoberta de conhecimentos sobre o mundo em que vivia, tendo escrito uma obra enciclopédica a que deu o título de *História Natural* (que o mesmo é dizer “investigação da Natureza”). Composta por 37 livros, abrange conhecimentos de cosmologia, astronomia, meteorologia, climatologia, geografia, antropologia, etnologia, zoologia, biologia, medicina e geologia. Plínio sentiu dificuldade em recolher conhecimentos; escreve: «o assunto de que eu me ocupo é árido: trata-se da natureza, isto é, da vida». Recorreu a inúmeras fontes, tendo-se equivocado, por vezes na interpretação, mas pretendeu englobar o universo através do conhecimento transmitido por outros. A sua síntese teve um êxito enorme ao longo da cultura ocidental, tendo sido fonte principal para outros, como Isidoro de Sevilha. Os manuscritos dessa obra multiplicaram-se e não é de admirar que tenha tido as honras de imprensa logo nos primeiros tempos desta.

O humanismo português prestou-lhe atenção, como dão fé os exemplares ainda hoje documentados em bibliotecas portuguesas, que remontam a finais do séc. XV e se alargam por todo o séc. XVI. Num levantamento de antigas edições existentes em livrarias de conventos e mosteiros extintos foram contabilizados 140 exemplares de 66 edições (entre edições latinas e traduções em línguas vernáculas). A primeira tradução que chegou a Portugal é do séc. XV, feita por Cristoforo Landino; nas nossas bibliotecas, encontram-se também traduções de Antoine du Pinet e de Lodovico Domenichi. Em finais do séc. XVI haveria de chegar a tradução de Gerónimo de Huerta, da qual este exemplar é testemunho. Este erudito era médico e dedicou-se também às letras; nasceu em Escalona (Toledo), em 1573, e morreu em Madrid no ano de 1643. Estudou humanidades e filosofia na Universidade de Alcalá de Henares e medicina em Valladolid. Filipe I, rei de Portugal, depois de ler os primeiros ensaios da sua tradução, encorajou-o a continuar; viria a ser editada em 2 volumes, nos anos 1624 e 1629.

Tem a particularidade de ser comentada, mas abrange apenas os livros 7.º (*Do Homem*) e 8.º (*Dos animais*) da *História Natural*; é dedicada a Filipe II, rei de Portugal, cujo escudo aparece na página de rosto. No livro 7.º, os comentários vêm no final de cada capítulo; no 8.º o comentário abrange vários capítulos. No final do volume, há

um índice de matérias e assuntos. Como refere o Doctor Fernandez Rajo na aprovação a esta edição, «es un trabajo muy digno de ser favorecido, porque à mas de ser la traducion buena, fiel y verdadera, la ilustra el Licenciado Geronimo de Huerta, autor della, con anotaciones de tal manera, que declarando lo obscuro, y supliendo lo defectuoso, haze muy mas ilustre la obra». É assim manifesta a consciência crítica de quem se dava conta de que a tradição textual da obra pliniana andava corrompida e os editores e tradutores tinham de assumir a seu cargo a responsabilidade de reconstituir o sentido do texto. Faz parte da preparação desta edição a constituição de cotas marginais que servem para marcar o conteúdo dos capítulos e, também, para deixar indicações de referências a autoridades a que o texto recorre. Obra impressa a uma só cor, tem letinas capitais floreadas e está adornado com tarjas. O exemplar da Biblioteca da Faculdade de Letras tem anotações nas margens, mas não conseguimos atribuí-las a mão conhecida. Encontra-se em bom estado de conservação, apesar de alguns fólhos terem sido objecto de restauro, incluindo o fólho de rosto; a encadernação é já do séc. XX e está revestida a papel marmoreado com lombada e cantos em pele. A estrutura dos cadernos é de bínios, o mesmo é dizer por quatro fólhos. Tem na entrada um texto de “tassa”, onde se indica a taxa que foi fixada para a venda do livro: “se tassó cada pliego del libro... à cinco blancas”. Sabe-se que “blanca” era uma antiga moeda de pouco valor, que se foi depreciando, tendo chegado a meio maravedi de cobre. Santa Rosa de Viterbo diz que “blanca” era uma “moeda ínfima de Castela que correu em Portugal em tempos d’ el-rei D. Duarte, e depois valia meio real branco ou três ceitis”.

Na Biblioteca Pública Municipal do Porto, há também um exemplar desta edição; pressupomos que a obra tenha circulado entre os eruditos portugueses.

Suzete Lemos Marques

Curso de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação da FLUL

Bibliografia:

COLÓQUIO INTERNACIONAL, Lisboa, 2006 - *Os clássicos no tempo: Plínio, o Velho, e o Humanismo Português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2007.
«Gómez de Huerta» - In *Enciclopedia universal ilustrada europeo-americana*. Madrid: Espasa-Calpe, 1989. vol. 26.
SANTA ROSA DE VITERBO, Frei Joaquim de - *Elucidário das palavras, termos e frases*. Porto: Civilização, 1993.

